

Lisboa



Portugal, Europa

As primeiras palavras do Papa, ainda no avião da Alitalia a caminho de Lisboa, foram dedicadas a Portugal mas a pensar na Europa. O novo milénio traz profundas mudanças de paradigmas, exige a criatividade e reorganização da casa comum, na cultura, mas acima de tudo na política, refém do domínio económico. Na sociedade da interdependência, da ciência e da tecnologia, onde o cristianismo católico e outras religiões instituídas procuram novas plataformas de compreensão, Bento XVI recupera o ambiente do século XIX e coloca a Igreja no tempo, encontrando na velha discussão entre iluminismo, secularismo e fé, a oportunidade do momento. Uma cultura “unicamente racionalista (...) não seria capaz de entrar em diálogo com as grandes culturas da humanidade, que possuem, todas elas, a dimensão transcendente”. Este é o Papa que prometeu resistir à descristianização da Europa, atenuando os efeitos da secularização porque esta pode negar uma dimensão incontornável do ser humano. Apresentar “a razão pura, anti-histórica, só existente em si mesma”, como sendo “a” razão, “é um erro”, entende o Papa alemão. “A razão está aberta à transcendência” e esta pressupõe a ética. A proposta, também contra o fundamentalismo religioso, passa pela razão inteligente sem excluir a uma fé viva.

Como prelúdio da viagem, Bento XVI introduziu, ainda antes da chegada, a “crise” que iria marcar a visita. Citou a mais recente encíclica *Caritas in Veritate* (Caridade na Verdade) para defender o dever de ética no mercado, “interna à racionalidade e ao pragmatismo económico”.

O pecado mora dentro

A viagem de Bento XVI a Portugal reunia grande expectativa. O Papa estava debaixo do fogo mediático. A multiplicação de casos de pedofilia com o envolvimento de sacerdotes e bispos, a maioria passados há deze-

JOAQUIM FRANCO

nas de anos, assumiu uma dimensão inesperada. O escândalo atingira a família Ratzinger. O irmão Georg fora acusado de maus-tratos a crianças. Sobre o cardeal Ratzinger caíra a suspeita de ter silenciado um caso nos Estados Unidos quando era prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Duas semanas antes de vir a Portugal, numa visita a Malta, Bento XVI reuniu-se com vítimas de padres pedófilos, como fizera nos Estados Unidos, sugerindo um previsível pedido de perdão público. Este aconteceria um mês depois, em Roma, perante cerca de 15 mil sacerdotes, no encerramento do Ano Sacerdotal.

Juntando o escândalo de pedofilia ao apelativo efeito de Fátima, a visita reunia condimentos para ter grande destaque internacional. Ainda Bento XVI não tinha chegado e já o tema quente tinha esfriado. As declarações no avião, em resposta aos jornalistas que o acompanharam de perto, esvaziaram por dias a polémica. Um balão de oxigénio que abriu os horizontes da visita. Não foi o pedido de perdão que faria semanas mais tarde em Roma e repetiria com expressões como “vergonha” e “humilhação” numa visita oficial ao Reino Unido, mas quase. Se houve cardeais que se esforçaram para introduzir a teoria de uma campanha internacional contra a Igreja, esquecendo ou tentando apagar os crimes e a crise consequente, Bento XVI olhou para dentro: É “terrificante” verificar que a “maior perseguição da Igreja não vem de inimigos externos, mas nasce do pecado na Igreja, e que a Igreja tem uma profunda necessidade de reaprender a penitência, de aceitar a purificação, de aprender por um lado o perdão, mas também a necessidade de Justiça”, pois “o perdão não substitui a justiça”.

O Papa abordou a pedofilia na resposta a uma pergunta sobre Fátima. Apresentou-se como peregrino e estimulou os teólogos da devoção. Na mesma resposta sobre os abusos sexuais de menores pelo clero, Bento XVI reafirmou que a mensagem de Fátima não morreu com João Paulo II. Sob argumento teológico de que “a Igreja será sempre sofredora”, ou seja, vive também em pecado, o Papa Ratzinger interpreta a mensagem na necessidade de uma “conversão permanente”. A novidade hoje, disse Bento XVI, está em descobrir que “nesta mensagem” residirão também “os ataques ao Papa e à Igreja” que “não vêm só de fora”, tendo os “sofrimentos da Igreja” origem “justamente no interior da Igreja, do pecado que existe na Igreja”. A interpretação jornalística foi óbvia. Bento XVI relacionou os chamados “segredos” ou “revelações” de Fátima com o recente escândalo de pedofilia.

As declarações de Bento XVI tiveram eco global. A ameaça maior vem do “interior da Igreja”, realçaram BBC e Globo. *El País* e *New York Times* destacaram que era a maior crítica de Bento XVI à Igreja, a propósito do

escândalo de pedofilia. *El Mundo* e *Corriere de la Sera* relacionaram a pedofilia com o “terceiro segredo” de Fátima.

O porta-voz do Vaticano rejeitou quaisquer alterações na posição de Bento XVI quanto à pedofilia. O padre Federico Lombardi entende que se tratou de “uma reflexão sobre o significado teológico e espiritual, sobre a necessidade de conversão e penitência”, na sequência de uma carta enviada à Igreja irlandesa com linhas de orientação para responder ao problema.

O Papa não voltou a falar diretamente dos abusos sexuais, nem os jornalistas alimentaram mais a expectativa de que voltasse a fazê-lo. No encontro com padres, religiosos e seminaristas, realizado ao final da tarde do dia 12 de maio, na Igreja da Santíssima Trindade, depois da simbólica chegada à Capelinha das Aparições em Fátima, com jornais e televisões a fecharem o dia informativo, passou quase despercebida uma segunda, embora indireta, referência às exigências morais e ao exemplo que deve ser a vida de um sacerdote. Bento XVI agradeceu a fidelidade dos consagrados e consagradas, recordou Cura d’Ars, a figura inspiradora da efeméride – quis ser sacerdote para “ganhar as almas para o bom Deus” e advertira que mau é o pastor que “fica calado ao ver Deus ultrajado e as almas perderem-se” –, e enfatizou as referências à fidelidade que “exige coragem e confiança”. Perante a infidelidade que se transformou em tormento mediático, o Papa sugeriu que os sacerdotes se ajudem mutuamente e prestem particular atenção ao “esmorecimento dos ideais sacerdotais” ou às “atividades que não concordem integralmente com o que é próprio de um ministro de Jesus Cristo”. Aos seminaristas foi contundente: “examinai bem as intenções e as motivações” da vocação para o sacerdócio.

Este não é um Papa disponível para dar passos importantes sem ponderação. A pressa com que se pôs em causa a disciplina do celibato na sequência dos abusos do clero não teve acolhimento na cadeira de Pedro. No auge do escândalo, o cardeal-arcebispo de Viena de Áustria, Christoph Schönborn, próximo do Papa, admitiu que o debate não excluísse uma reflexão sobre o celibato. Numa audiência geral no Vaticano, Bento XVI reafirmaria que a resposta não deve ser dada com “mudança das estruturas” mas com “espírito de penitência e caminho de trabalhosa conversão”.

No início do pontificado, o Papa Ratzinger não terá calculado o impacto deste problema e a necessidade de o acrescentar na agenda pessoal. Enquanto houver um caso, uma suspeita apenas, o drama dos abusos sexuais de menores por membros do clero terá a consequente ampliação mediática com nefastos efeitos na opinião pública. A disponibilidade para

JOAQUIM FRANCO

colaborar com as autoridades civis ou até a denúncia à justiça civil de eventuais casos que permaneçam no segredo da confissão e nas gavetas da Doutrina da Fé, podem não ser suficientes. O pedido público de perdão não satisfaz uma opinião pública condicionada mediaticamente. A credibilidade institucional ficou ferida na voraz exigência mediática. Mais do que palavras, pedem-se ações e transparência para fazer justiça, rapidez e coragem na resposta a novos casos. Sob risco de, no *ad aeternum* mediático, vencer a infidelidade e o pecado. Um drama de difícil gestão quando se sabe que muitos destes casos, embora não esquecidos – nunca serão esquecidos –, vêm agudizar dores que o tempo foi atenuando.

A chegada a Lisboa

Os custos do altar sobre o cais das colunas na Praça do Comércio desencadearam muitos comentários. A comunicação social noticiou os pormenores da estrutura e avançou o preço – 200 mil euros. Valor correspondente ao praticado no mercado para uma estrutura do género, mas a pertinência da revelação dos custos do altar de Lisboa suscitou divergências na Igreja. Nos dias seguintes, muitas reportagens captaram a opinião popular sobre os transtornos na cidade e os custos da visita. No Porto, o modelo foi semelhante. À ajuda de mecenas, juntou-se a facilidade logística e um maior envolvimento da autarquia. Surpreendentemente, não houve tanta polémica.

Lisboa foi, na visita papal, o cenário para a mensagem de diversidade. A cidade que viu chegar os mundos do mundo e que levou ao mundo outros mundos inspirou o chefe do Estado, o bispo local e o próprio Papa. No discurso de boas-vindas, ainda no aeroporto militar, o Presidente da República apresentou “um povo vocacionado para o reconhecimento do valor da diversidade”. Numa atitude particularmente adequada “a um tempo em que, porventura mais do que nunca, se reclama um entendimento entre o discurso da razão e o discurso da fé”. Cavaco Silva foi uma sombra de Bento XVI. Acompanhou o Papa em quase toda a visita, não dando lastro às críticas que lhe foram dirigidas por quem entende que o Presidente não deve misturar a fé pessoal com o dever de imparcialidade de um chefe de Estado.

Bento XVI, sensível ao impacto negativo – na perspectiva da Igreja católica – do secularismo, lançou o mote da mensagem que quis deixar em Lisboa. “A relação com Deus é constitutiva do ser humano”, disse, disponibilizando a Igreja para “colaborar com quem não marginaliza nem privatiza a essencial consideração do sentido humano da vida”. O tema seria retomado num encontro com agentes da cultura portuguesa, no



Centro Cultural de Belém, e durante a missa na Avenida dos Aliados, no Porto. Não se trata de um “confronto ético entre um sistema laico e um sistema religioso, mas de uma questão de sentido à qual se entrega a própria liberdade. O que divide é o valor dado à problemática do sentido e a sua implicação na vida pública”. O desafio aos católicos é, neste cenário, ainda mais exigente. “Viver na pluralidade de sistemas de valores e de quadros éticos exige uma viagem ao centro de si mesmo e ao cerne do cristianismo para reforçar a qualidade do testemunho.” Acontece que o terreno de reflexão é vasto e a reinvenção de caminhos de radicalidade na missão dos cristãos não é monolítica. O edifício humano da Igreja católica não é monolítico. Mas, reivindicando a experiência adquirida, alegam movimentos e pensadores mais afoitos do cristianismo sediado em Roma que este Papa lidera uma estrutura centralizada e centralizadora, pouco disponível para mudar a estrutura normativa, disciplinar e doutrinária.

No dia da chegada a Lisboa, um deputado do Bloco de Esquerda insurgiu-se contra as palavras do Papa. Quando recordou resumidamente alguns momentos das relações históricas entre Portugal e a Santa Sé, Bento XVI referiu-se ao antigo cardeal-patriarca de Lisboa, D. Manuel Ce-rejeira, “de veneranda memória”. No ano do centenário da República, que recupera a memória de um século conturbado, há ainda feridas por sarar e memórias que acentuam clivagens.

O Mosteiro dos Jerónimos – património cultural da Humanidade –, outrora ponto de partidas e chegadas, foi o cenário da cerimónia oficial

JOAQUIM FRANCO

de acolhimento do Papa, enquanto chefe de Estado, com as devidas e regulamentares honras militares. Nas anteriores visitas, nenhum papa visitara o *ex libris* da arquitectura manuelina, o mais notável conjunto monástico quinhentista português e uma das principais igrejas da Europa. João Paulo II esteve perto quando celebrou missa no Estádio do Restelo em 1991. Bento XVI entrou pela porta principal, encimada por uma escultura do presépio, ladeada pela figura de D. Manuel I, o fundador. Num altar lateral, um coro de dezenas de crianças da catequese e de escolas católicas de Lisboa interpretaram uma composição de Mozart. O Papa passou entre os túmulos de Luís Vaz de Camões e de Vasco da Gama, percorreu a coxia central e prostrou-se de joelhos, ao lado do cardeal-patriarca de Lisboa, D. José da Cruz Policarpo, em silêncio diante do sacrário de prata – oferta do Rei D. Afonso VI em ação de graças pela vitória alcançada na batalha de Montes Claros, em 1665, marcando a restauração da independência portuguesa. Fez depois uma breve visita guiada por Isabel Cruz de Almeida, diretora do Mosteiro enquanto espaço museológico. Passou pelo claustro onde se encontra o túmulo de Fernando Pessoa, fez perguntas, cruzou o olhar com os símbolos da arte da navegação, a esfera armilar, a cruz de Cristo, um alto-relevo com a cabeça de um negro em destaque, filho do Rei do Congo que estudou em Portugal e foi bispo. Embora rápida, a passagem de Bento XVI pelo Mosteiro dos Jerónimos antecipou simbolicamente as palavras escolhidas para Lisboa. Os gestos não são tudo numa visita papal, mas têm uma leitura própria.

A charanga da GNR acompanhou o percurso entre o Mosteiro dos Jerónimos e o Palácio de Belém. Pouco depois de arrancar, o papamóvel oscilou com alguma violência quando passou por cima de um passacabos – proteção de cabos e fios – usado pelas televisões. No chão tinha o efeito de um degrau e o Papa teve de se segurar para não se desequilibrar no alto da cabine. O pior veio depois. Assustados com aquele obstáculo estranho no caminho, os cavalos que acompanhavam a charanga reagiram. Por pouco não foram cavaleiros ao chão. O incidente não passou de um susto. Afinal, nas melhores preparações há pormenores que podem escapar.

Na residência oficial do Presidente da República, Bento XVI assinou o Livro de Honra na Sala das Bicas, onde foi tirada a fotografia oficial. Cavaco Silva recebeu como presente um quadro do século XIX, em mosaico, da Cidade do Vaticano, uma obra executada na Fábrica de São Pedro, e ofereceu em troca uma edição bilingue português-latim dos Sermões de Santo António de Lisboa, uma imagem do santo, uma peanha com a inscrição “Santo António de Lisboa” e um CD com composições

clássicas interpretadas por Giampaolo di Rosa, organista residente da Igreja de Santo António dos Portugueses, em Roma, que até à data desta visita a Portugal não fora ainda visitada por Bento XVI.

Capital plural

Lisboa é um caso de estudo nas relações entre povos e gentes. Apesar dos momentos negros da história portuguesa, devidamente documentados, Lisboa soube e sabe acolher a diferença e o diferente: social, cultural e religiosamente. O povo adaptou-se à circunstância geográfica e aos mundos que, na coragem da aventura, fez próximos. Com o horizonte atlântico a inspirar partidas e chegadas, Lisboa mantém o carisma, como inevitabilidade ou desígnio. O cardeal-patriarca tem sido um dos protagonistas neste debate infindável, nesta estreita relação entre responsáveis de várias religiões, culturas e correntes de pensamento. Na saudação ao Papa, antes da celebração eucarística na Praça do Comércio, D. José da Cruz Policarpo, que participou em simbólicas iniciativas ecuménicas e inter-religiosas realizadas na cidade, algumas com impacto internacional, introduziu a marca multicultural de Lisboa na visita papal. “Chegam muitos, turistas que nos visitam, emigrantes à procura de um país de acolhimento.”

Esta característica invulgar da cidade de Lisboa, no extremo de uma Europa onde aumentam as tensões religiosas e culturais, não passa despercebida ao Vaticano. Mas a visita a Lisboa não contemplou um encontro com representantes de outras religiões. Seria um estímulo, um sinal à Europa, um desafio à criatividade no diálogo, qualquer que seja a intenção desse diálogo, ou mesmo que o objetivo seja apenas manter o diálogo. A organização entendeu não contemplar tal momento. Perdeu-se uma oportunidade. Bento XVI, embora com equívocos e incompreensões, mantém essa via aberta e conhece, certamente, o caso português. Porque não influenciou a realização de um encontro com outras religiões, numa cidade que tem sido simbolicamente exemplar?

Este pontificado já clarificou as balizas do diálogo. Ao nível ecuménico – entre confissões ou igrejas cristãs – desenvolve-se para realçar o essencial que é comum, sem esquecer diferenças insanáveis. No contexto europeu, alegando uma certa descristianização, esta aproximação corresponde à necessidade de reforçar os valores cristãos frente a um secularismo “excessivo” ou até a um “ateísmo agressivo”, para usar expressões do próprio Papa. Bento XVI vislumbra um cristianismo que assimile o que é positivo na modernidade, mas que saiba distinguir as fronteiras de uma nova e militante cultura anti-religiosa. Neste aspeto não há

JOAQUIM FRANCO

divergências entre confissões cristãs. O cristianismo nas Américas, em África e na Ásia está a ganhar autonomia e o reforço das Igrejas evangélicas também tem ajudado. Mas não é difícil antever o efeito de cascata global que pode ter uma descristianização na Europa. O cristianismo tem os alicerces no cristianismo institucional e histórico de Roma, de Inglaterra e das igrejas da Reforma.

Por outro lado, o debate sobre a religião na sociedade europeia não se limita à reflexão católica ou cristã, nem se esgota na polémica com o islão. Tem de ser inclusivo, culturalmente aberto e disponível, promotor da maturidade exegética e da razão, motor de reação inteligente às formas agressivas de ateísmo que exorbitam na secularização.

Se entre os líderes religiosos prevalecem os fantasmas e o medo do sincretismo é ainda forte, o discurso político relaciona cada vez mais a insegurança com a imigração e a imigração com a religião. O encontro – ou confronto – cultural é inevitável e são poucas as oportunidades mediáticas para se realçar positivamente a sua inevitabilidade. Ignorar só aumenta o preconceito. Em aparente alívio de consciência, a organização da visita papal promoveu um breve contacto do Papa com alguns representantes de outras religiões, entre outras figuras, num cumprimento personalizado durante o encontro com agentes culturais no Centro Cultural de Belém. Esta opção em Lisboa reforça a ideia de Bento XVI no diálogo inter-religioso. É a um nível estritamente cultural, de constituição antropológica, que se coloca o desafio. Para o Papa Ratzinger, o diálogo inter-religioso pode contribuir para desanuviar tensões culturais ou políticas e promover a liberdade religiosa inexistente em muitos países – de maioria islâmica, entenda-se. Entre religiões não se discutem “verdades”. Seria uma conversa de surdos. Mas, embora plurais, os caminhos da Paz são comuns no mistério da procura do Sentido. Benevolência, misericórdia, fraternidade, não-violência, perdão, comunhão, oração. É esta Procura incessante, transformada em ética, que permite hoje questionar as opções e os modelos de sociedade. Foi sobre esta Procura incessante que se desenharam os direitos individuais e se podem reconstruir os direitos comunitários, com uma ética base e global, numa nova sociedade de nações humanistas.

Usando a simbólica matemática, ao mínimo múltiplo comum que é o ser humano, com as suas idiossincrasias e direitos universais, deve juntar-se o máximo divisor comum que é a procura plural de sentido para a vida, onde se inclui a fé. Admitindo que o absoluto transcendente é um mistério insondável com dinâmica intemporal, o diálogo entre religiões é possível no respeito mútuo por conceitos como verdade e revelação enquanto mecanismos de ordem e de compreensão que estruturam culturas.

Valeram as palavras de D. José da Cruz Policarpo no acolhimento ao

Papa em Lisboa. “Muitos dos que chegam não são cristãos, praticam outras religiões. Também os acolhemos com amor, aprendemos a respeitar a sua fé, a conviver no diálogo e a descobrir valores que temos em comum. A maioria católica não tira o lugar a ninguém.” Não houve encontro simbólico, ficou a força das palavras, apesar de uma certa indiferença jornalística. O futuro, que se prevê não seja longo, falará pela boa vontade dos disponíveis para o diálogo, se a indisponibilidade não se impuser drasticamente.

Vale a pena exercitar a memória na sequência deste discurso de acolhimento do cardeal -patriarca. Foi o mesmo bispo que, em janeiro de 2009, comparou a atitude dialogante dos “irmãos muçulmanos” a “lobos da floresta que marcam os seus passos”, para cercar a presa. D. José da Cruz Policarpo incorreu na altura no mesmo erro do Papa Ratzinger. Desvalorizou a força das palavras ou, intencionalmente, quis gerar polémica. Salvaguardando as devidas distâncias – intelectuais, temporais, de conteúdo e impacto – as palavras de D. José da Cruz Policarpo geraram uma dinâmica de reação semelhante à gerada por Bento XVI quando, na Universidade de Ratisbona, em novembro de 2006, citou o texto de um autor medieval que acusava Maomé de espalhar a fé com a espada. Em texto escrito para intelectuais, o Papa criou uma frase mediática. De improviso, numa tertúlia organizada no Casino da Figueira da Foz e moderada por uma jornalista, o cardeal-patriarca de Lisboa criou, de uma assentada, várias frases facilmente retiráveis do contexto. Quem está atento ao difícil diálogo entre religiões, sabe que este “dá os primeiros passos”, alegava o bispo de Lisboa, mas o alcance das palavras de um bispo ou do Papa não se limita a especialistas.

A simplificação de conceitos e de leituras, num tempo marcado pela lógica mediática, pode ter efeitos devastadores que, inevitavelmente, se transformam em perigosos equívocos. A generalização aumenta os estereótipos e reforça os preconceitos. Não há o muçulmano, há muçulmanos. Como não há o católico, há católicos. Como não há o judeu, há judeus. Multiplicam-se as vozes que sustentam a tese de uma islamização da Europa em curso, resultado de uma atitude política passiva por parte da Europa e de um islamismo com projetos de conquista planetária. Não há fumo sem fogo. As comunidades islâmicas na Europa estão sujeitas à idiosincrasia da inculturação.

A maioria dos islâmicos – sunitas e xiitas ismaélis – que vive em Portugal, nasceu em Portugal ou é oriunda das ex-colónias portuguesas e identifica-se culturalmente com o País e com a Europa. Mas há também muçulmanos influenciáveis pela utopia hegemónica e outros culturalmente desenquadrados, oriundos de África ou da Ásia, à procura da so-

JOAQUIM FRANCO

brevivência, ou refugiados, educados na intolerância e na falta de liberdade religiosa, previamente manipulados ou facilmente manipuláveis quando os países aonde chegam não sabem fazer acolhimento. Os diferentes contextos enquadram as relações e as relações não escapam ao choque cultural. Na resposta ao cardeal-patriarca, a comunidade islâmica de Lisboa lembrou que tem fomentado “relações fraternas e cordiais” com as demais religiões e manifestou-se magoada com a “escolha das palavras” do cardeal. A “escolha das palavras”!

Em junho de 2008, Asma Basras, professora de Estudos Internacionais e diretora do Centro de Estudos da Cultura, Raça e Etnia da Universidade de Denver, tocou na ferida durante uma conferência organizada na Mesquita Central de Lisboa. A académica islâmica vislumbra um duplo desafio nas relações entre o islão e a Europa: por um lado, o histórico “preconceito anti-islâmico” europeu, que realça a hostilidade e impede que “se pense o islão de forma moralmente relevante”; por outro, a urgente reflexão autocrítica no islão. Asma Barlas lamenta as “leituras patriarcais do Alcorão”, que fazem com que os muçulmanos vivam a “ausência de igualdade entre sexos e um historial de discriminação das mulheres, (...) combinação de vários fatores, uns religiosos, outros não”. O problema, sublinha a professora de Denver, “não é apenas que as mulheres sejam formalmente excluídas (...), mas que a maior parte dos muçulmanos leia a desigualdade e até a opressão no próprio Alcorão”.

Quando D. José da Cruz Policarpo alerta as jovens cristãs para que pensem duas vezes antes de casar com um muçulmano, está a ser realista e a tocar numa ferida aberta que tem preocupado pensadores e académicos islâmicos no Ocidente. Ninguém, no seu perfeito juízo, põe em causa as diferenças e a eventual incompatibilidade entre uma mulher ocidental e um homem educado num país sem liberdade religiosa, ou determinado por uma educação religiosa radical. A verdade dói, mas com palavras como “cautela com os amores” ou compram “um monte de sarilhos” reduz-se o espaço de manobra dos pensadores que ousam fazer a exegese corânica, além de se revestir de uma certa injustiça para os casais mistos que, efetivamente, vivem em felicidade e harmonia. “A verdade deles (muçulmanos) é única e toda” alega o cardeal-patriarca para justificar os poucos avanços no diálogo com o islão. Mas afinal não é essa a atitude primeira de todos os credos em diálogo, incluindo o catolicismo? Comparar a atitude dos “irmãos muçulmanos” a “lobos na floresta” não ajudará. Independentemente das reações, as palavras de D. José da Cruz Policarpo tiveram o mérito de trazer mais uma vez a religião para a abertura dos telejornais, relançaram o debate sobre a liberdade religiosa e os direitos fundamentais no contexto da fé.

Na homilia proferida na Praça do Comércio, o Papa lembrou o passado português para colocar o encontro com outras culturas e religiões no lugar em que a Igreja católica pretende que esteja. Bento XVI lembrou o papel das descobertas na “dilatação da fé nas cinco partes do mundo” e dos portugueses que, “com sabedoria cristã”, souberam “transplantar experiências e particularidades”, abrindo-se “ao contributo dos outros”, sem perder identidade, “em aparente debilidade que é força”. De Lisboa para a Europa, contra o relativismo, o Papa Ratzinger, que defendeu a inclusão do Deus judaico-cristão nos livros constitutivos da União Europeia, exortou os portugueses a participarem “na edificação da comunidade europeia”, levando o contributo da “identidade cultural e religiosa”.

Nos planos iniciais da visita, não estava prevista missa em Lisboa, mas o cardeal-patriarca fez questão e solicitou esse momento. A celebração eucarística na Praça do Comércio acabou por ser um postal de Lisboa para o mundo. A escolha do local, depois de se terem ponderado outras hipóteses na cidade, esteve em sintonia com a linguagem televisiva.

A Primavera de Lisboa

A estrutura do altar, imaginada pelo *designer* Jorge Assis, realçou a claridade de Lisboa e ligou o terreiro ao rio. Branco lacado, no mobiliário e na estrutura com 11 metros de altura, em harmonia com o azul-mar, construído por 150 pessoas ao longo de dois meses, o seixo do Tejo feito altar garantiu a boa imagem e a simbologia no primeiro dia de visita. De uma pedra nasceu a ideia. “Sobre esta pedra (Pedro)” disse Jesus, segundo as escrituras, que se edificaria a sua comunidade.

Cerca de 100 embarcações compuseram o cenário. Destacava-se o navio-escola Crioula. As nuvens, que tinham ameaçado chuva, desapareceram e o sol brilhou forte antes de aparecer o Papa. A Praça do Comércio estava já cheia de gente, incluindo as principais figuras do Estado, outras conhecidas personalidades públicas, representantes das antigas famílias nobres, membros de confrarias. O Papa ainda não tinha chegado quando Cuca Roseta, voz do fado – ritmo do destino e escola de saudade –, animou a assistência. O torreão sul da Praça do Comércio, edifício do Ministério das Finanças, serviu de sacristia para o Papa se paramentar. Foi ali que o presidente da câmara entregou ao Papa as chaves da cidade, num convite para regressar sempre que entender.

No primeiro dia da visita, a comunicação social portuguesa dispersou-se nas abordagens, entre a multidão na Praça do Comércio, as ofertas do Benfica e do Sporting ao Papa – camisolas com o número 16 para um jogador chamado “Bento” –, a pedofilia, o terceiro segredo de Fátima

JOAQUIM FRANCO



e os apelos de Bento XVI dirigidos aos católicos para que sejam “uma presença irradiante da perspectiva evangélica no meio do mundo, na família, na cultura, na economia, na política”. O Papa entende que nem todos os modos de viver estão “ao mesmo nível”, dando-se “por suposto que a fé existe, o que é cada vez menos realista”.

No final da missa na Praça do Comércio, as televisões deram voz aos fiéis, dos convidados especiais aos anónimos. As primeiras reacções a quente fizeram a leitura do momento nos aspectos laterais. Mais do que a homilia do Papa, contou a experiência do encontro na Praça do Comércio. Tendo em conta as reportagens emitidas, esta foi a tónica maior nas assembleias das missas com o Papa. A dificuldade em perceber um Papa alemão a falar português determinou as leituras. Para os milhares de católicos que marcaram presença nas três cidades, o que valeu foi a experiência do encontro com o Papa, – o *Vigário de Cristo* – correspondendo a um apelo de fé em contexto de incertezas, com uma eficaz preparação mediática do evento. O Papa, figura maior da estrutura católica, preserva uma esperança enraizada na tradição católica portuguesa e uma visita papal é uma oportunidade única para as igrejas locais. Abre espaço para novos encontros e aproximações. Promove dinâmicas e agita comunidades. Face ao estado atual da Igreja católica, o catolicismo ficaria organicamente desamparado sem a figura central do bispo de Roma.

O teólogo dominicano frei Bento Domingues, comentador televisivo durante a visita, considerou que esta viagem foi “a primavera de um papa que estava a viver um Inverno”. Portugal tem a tradição de bem acolher e, apesar dos fatores imponderáveis, a viagem foi preparada também para ser uma lufada de ar fresco no pontificado. À forma como se esvaziou a

polémica dos abusos sexuais de menores no dia de chegada, juntou-se a disponibilidade de Bento XVI para mostrar o outro lado do Papa. Foram muitos os momentos, registados, de grande proximidade dos fiéis. Os portugueses viram um Papa afável e sorridente. Um Papa diferente da imagem que dele foi construída mediaticamente. O porta-voz, padre Federico Lombardi, fez saber que o papa esteve mais “expressivo” em Lisboa do que é habitual. Se o barómetro da visita se guiar apenas pela imagem, o sucesso é inegável.

A viagem foi cuidadosamente pensada. Bento XVI não falou, mas leu em português. Como já se disse, a força das palavras do Papa perdeu-se na leitura dos textos, o que não o impediu, ainda assim, de um invulgar momento de humor. Saudado por centenas de jovens, mobilizados também através de redes sociais na Internet, que se reuniram junto à Nunciatura Apostólica em Lisboa na noite do dia 11 de maio, Bento XVI foi à janela agradecer: “Viestes desejar-me boa noite e de coração vo-lo agradeço, mas agora tendes de me deixar dormir.” Como um avô que diz “adeus e tenham juízo”. Uma ligeira mas sonora gargalhada do Papa contagiou os jovens, muitos deles vestidos de azul, com camisolas onde se lia “Eu acredito” – uma campanha suporte da visita, à qual se juntaram os estandartes com a inscrição “Foi o Pai que me ensinou”, colocados nos percursos do Papa. O humor é um veículo de empatia. A um ano de mais uma Jornada Mundial da Juventude católica, em Madrid, o Papa cativou os jovens católicos militantes.

A Nunciatura Apostólica, uma antiga casa de Egas Moniz, Prémio Nobel da Medicina, adquirida pelo Vaticano antes da Segunda Guerra Mundial, ajustou-se aos gostos do legítimo proprietário que veio de Roma. O edifício foi pintado dias antes. Bento XVI dormiu no quarto do Núncio, decorado com quadros de António Nunviati, pintor de Turim, inspirados na música, no despojamento de Cristo e na Virgem com o Menino. À cabeceira da cama foram colocadas estátuas de São Pedro e de São Francisco, de um escultor alemão.

Foi na Nunciatura Apostólica que Bento XVI recebeu o primeiro-ministro, antes de partir para Fátima no dia 12. Havia alguma expectativa devido aos temas “fraturantes” que dividem Igreja e Governo português. José Sócrates disse que a conversa foi “agradável”. Mas entre jornalistas e comitiva falou-se mais sobre a gafe de José Sócrates que tratou o Papa por “Eminência” – expressão usada para os cardeais – em vez de “Santidade”, como ditara a cortesia protocolar. Fê-lo três vezes na conversa com o Papa. Mais tarde, em diálogo animado à mesa do almoço, Bento XVI diria que o primeiro-ministro pensava estar a falar com o cardeal-patriarca de Lisboa. Quem assistiu a este inusitado comentário papal asse-

JOAQUIM FRANCO

gura que foi apenas humor ingénuo para meter conversa. O Papa acrescentou que ser três vezes tratado num curto diálogo como “Sua Santidade” também era demais.

Ad extra – “A Igreja tem de aprender a estar no mundo”

O encontro não foi inédito. Noutras viagens, Bento XVI ensaiara o gesto. Na universidade de Ratisbona, em 2006, as palavras do Papa sobre o islão tiveram as consequências conhecidas e foram usadas agilmente por extremistas islâmicos, perante uma reação inábil dos atores políticos na Europa. O encontro com académicos na visita à República Checa, em 2009, serviu para outra abordagem sobre a mesma necessidade de confrontar o mundo contemporâneo com a tradição e a razão. Bento XVI criticou a “ideologia redutiva do materialismo, pela repressão da religião e pela opressão do espírito humano”, que reina em muitos meios universitários, e sublinhou como, “do crescimento maciço da informação e da tecnologia, nasce a tentação de separar a razão da busca da verdade”. A razão, entende o Papa, “quando é separada da orientação humana fundamental para a verdade, começa a perder a própria direcção”. Neste encontro académico realizado no Salão de Vladislav do Castelo de Praga, o Papa Ratzinger disse temer que “uma compreensão da razão, surda ao divino, que relega as religiões para o reino das subculturas”, seja incapaz de “entrar no diálogo das culturas do qual o nosso mundo tem urgente necessidade”.

Na viagem a Lisboa, Bento XVI teve um encontro semelhante, mas de maior alcance. Foi apresentado como um encontro com o “mundo da cultura”. O Grande Auditório do Centro Cultural de Belém encheu-se na manhã do dia 12 de maio com gente de vários quadrantes da vida pública e intelectual portuguesa que aceitou o convite para um evento da Comissão Episcopal da Cultura, Bens Culturais da Igreja e Comunicações Sociais. A expectativa mediática era enorme. O presidente da comissão, D. Manuel Clemente, abriu o encontro com a convicção de que a “intenção cultural” do Papa é “entendida e bem aceite por muitas personalidades das Letras, das Ciências e das Artes, ainda além das fronteiras da confessionalidade estrita”. Convidado para falar em nome da cultura e das artes portuguesas, Manoel de Oliveira relacionou a Religião e a Arte “ainda que de um modo distinto é certo, intimamente voltadas para o homem e o universo, para a condição humana e a natureza divina”. O centenário cineasta, educado num colégio jesuíta – de “veneranda idade e carreira”, disse o Papa – citou o padre António Vieira – “terrível palavra é o non, por qualquer lado que a tomeis é sempre non...” – para lembrar que “o non tira a Esperança que é a última coisa que a Natureza deixou ao homem”.

Televisões e rádios transmitiram em direto os discursos e as posteriores reações insuspeitas de gente que não se identifica propriamente com a Igreja católica e com a figura do Papa. Não faltou a análise, mas o facto de o encontro se ter realizado no mesmo dia em que o Papa chegou a Fátima, anulou a hipótese de algum posterior aprofundamento mediático. Valeram alguns debates e textos na imprensa do dia seguinte. A reflexão do Papa no encontro com o “mundo da cultura” surpreendeu. Não pelo pensamento de Bento XVI, conhecido e publicado, mas pela ousadia de algumas deduções, ainda que nelas se escondam algumas omissões.

O coro da Gulbenkian dirigido por Jorge Matta criou um ambiente artístico sóbrio, com obras de autores portugueses entre cada intervenção. O Papa sentou-se num cadeirão do século XVIII, revestido a veludo carmesim e madeira dourada, inspirado nos modelos franceses do tempo de Luís XV, feito para o 2º cardeal-patriarca de Lisboa, D. José Manoel da Câmara. No palco estiveram catorze personalidades. Entre elas, o padre Tolentino Mendonça, director do secretariado nacional da Pastoral da Cultura, a ministra da cultura, Gabriela Canavilhas, o presidente do Tribunal de Contas e do Centro Nacional de Cultura, Guilherme d’Oliveira Martins, o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Rui Vilar, a directora musical da Orquestra Sinfónica de Berkeley (EUA), Joana Carneiro, a actriz Glória de Matos e o subdirector da Cinemateca, Pedro Mexia. Na assistência viam-se rostos conhecidos do teatro e da televisão ao lado de cientistas e académicos, artistas e empresários das artes, sacerdotes e descrentes, políticos no ativo e cronistas políticos, patrões e sindicalistas.

Citando o discurso que fizera num encontro com os artistas na Capela Sistina, em novembro de 2009, Bento XVI incentivou os “obreiros da cultura em todas as suas formas, fazedores do pensamento e da opinião” que têm “a possibilidade de falar ao coração da humanidade, de tocar a sensibilidade individual e coletiva, de suscitar sonhos e esperanças, de ampliar os horizontes do conhecimento e do empenho humano”, para não terem medo de se confrontarem com “a fonte primeira e última da beleza, de dialogar com os crentes” que igualmente se sentem “peregrinos no mundo e na história rumo à Beleza infinita”. Terá faltado ao Papa incluir na sequência da ideia a inversão do ónus. O apelo a um diálogo sem preconceitos com os crentes exige também, em sentido contrário, crentes que sem preconceitos não tenham medo de dialogar com o mundo da diferença e da indiferença, criando pontes e oportunidades.

O cenário de Pedro Calapez – uma reprodução da entrada principal da Igreja da Santíssima Trindade, em Fátima –, azul sobre ouro, deu profundidade ao auditório. Perante 1300 artistas e personalidades da vida cultural e social portuguesa Bento XVI passou a mensagem. “Há toda

JOAQUIM FRANCO

uma aprendizagem a fazer quanto à forma de a Igreja estar no mundo, levando a sociedade a perceber que proclamar a verdade é um serviço que a Igreja presta à sociedade”, sem cedências no caráter “perene da verdade, com o respeito por outras ‘verdades’ ou com a verdade dos outros”. Neste respeito dialogante o Papa espera que se abram “portas para a comunicação da verdade”, mas adverte que, numa sociedade marcada pelo cristianismo, “é dramático tentar encontrar a verdade sem ser em Jesus Cristo”.

Na fronteira entre a “verdade dos outros” e a intransigência na “Verdade” como missão preconizada pela Igreja, jogam-se as plataformas de diálogo e nascem também ambiguidades. Se dizê-lo é de fácil interpretação, fazê-lo é tarefa difícil e exigente. Perceciona-se um contexto paralelo de “verdade”, para lá do estritamente evangélico ou substancialmente religioso. É também a identidade, raiz cultural insubstituível que, para Bento XVI, está profundamente marcada pelo pulsar religioso. A “verdade” como padrão básico de um povo, que ganha incluindo, mas sem excluir os seus pilares de compreensão, ancestrais e perenes. Este desafio, com encontros e desencontros, terá necessariamente a política como expressão prática, mais eficaz quanto mais participativa, interdisciplinar e dialogada. Se a cultura reflete uma tensão, “por vezes conflito, entre o presente e a tradição”, a sociedade “absolutiza o presente, isolando-o do património cultural do passado e sem intenção de delinear um futuro”.

Em Lisboa, mas a olhar para a Europa, o Papa constatou que “um povo que deixa de saber qual a sua verdade, fica perdido nos labirintos do tempo e da história, sem valores claramente definidos”. No caso português, entende o papa, “o ideal cristão da universalidade e da fraternidade inspiravam a aventura comum”, embora permeável a outras influências, que deu origem a uma “sabedoria” e a um “sentido da vida e da história, de que fazia parte um universo ético e um ideal a cumprir” no mundo. Bento XVI não citou mas podia ter citado António Vieira, Fernando Pessoa ou Agostinho da Silva. Seguiria o roteiro do anfitrião, D. Manuel Clemente, que define o português como aquele que se projeta para fora, incapaz de se ver apenas num pedaço de terra onde começa o mar e acaba o continente. Um “povo-cais, onde se chega e de onde se parte”, disse em entrevista ao jornal *Público* em Setembro de 2010, e que nessa condição, define a “nossa” identidade “com profunda impossibilidade de deixarmos de ser quem somos, tal a densidade interior que acumulámos. Não temos de nos adaptar por aí além, porque já temos dentro e acumulados os infinitos aléns que nos formaram”⁽¹⁾.

30

Na diversidade cultural, o desafio não é aceitar o outro mas aspirar a receber a riqueza do outro, num percurso para o Outro que implicará re-

núncias. Embora balizado pela “verdade” do Evangelho, o Papa preconiza um diálogo “sem ambiguidades e respeitoso”, do qual a Igreja “não se subtrai”, tendo como “pedra angular” a promoção de uma “cidadania mundial fundada sobre os direitos humanos e as responsabilidades dos cidadãos, independentemente da própria origem étnica e adesão política, e respeitadora das crenças religiosas”. À Igreja católica restará a missão de “manter desperta a busca da verdade e, conseqüentemente, de Deus; levar as pessoas a olharem para além das coisas penúltimas e porem-se à procura das últimas”.

O Papa terminou o discurso no mesmo tom com que se dirigiu aos artistas no Vaticano, meses antes. “Fazei coisas belas, mas sobretudo tornai as vossas vidas lugares de beleza.” Foi o *soundbyte* que perturbou a lógica mediática e estremeceu os mais atentos. *Magnificat* de Francisco António de Almeida, um dos mais importantes compositores portugueses da primeira metade do século XVIII, provavelmente vítima do terramoto de 1755, encerrou o encontro. D. Manuel Clemente ofereceu ao Papa uma peça de ourivesaria criada por Siza Vieira. Um ovo em prata que aberto revela uma pomba, o símbolo do Espírito Santo.



(¹) CLEMENTE, Manuel, *Portugal e os Portugueses*, Lisboa, Assírio e Alvim, 2008.

